

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha na fortaleza das vespas (13/17)

Maya aprendera algo notável. Aconteceu numa tarde por causa de um velho barril de chuva. Ela se sentou entre as flores de sabugueiro perfumadas e um tordo voou acima de sua cabeça. O pássaro era muito doce e alegre, e Maya lamentou que eles não pudessem ser amigos. O problema era que eles eram muito grandes e iriam comê-la. Ela havia se escondido no coração da flor de sabugueiro quando de repente ouviu alguém suspirar. Quando ela se virou, ela viu a criatura mais estranha que ela já tinha visto. Ele devia ter pelo menos cem pernas de cada lado do corpo, ela pensou. Ele era cerca de três vezes maior que ela, era magro e não tinha asas.

"Meu Deus", exclamou Maya em choque. "Você certamente pode correr muito rápido."

O estranho lançou-lhe um olhar pensativo. "Eu duvido," ele disse. "Eu duvido. Há espaço para melhorias. Eu tenho pernas demais. Veja bem, antes que todas as minhas pernas possam ser postas em movimento, muito tempo é perdido. Eu não percebi isso antes e muitas vezes desejei ter mais pernas. E meu desejo se tornou realidade. Mas quem é você?"

Maya se apresentou. O outro assentiu e moveu algumas de suas pernas.

"Eu sou Thomas, da família centopéia. Somos admirados por todos no mundo. Nenhum outro animal tem tantas pernas. Oito é o limite deles, até onde eu sei.

"Você é tremendamente interessante. E sua cor é tão estranha. Você tem uma família?"

"Não, por que eu deveria? De que serve uma família para mim? Nós, centopéias, eclodimos do ovo e pronto. Se não podemos ficar de pé com nossas próprias pernas, então quem pode?"

"Claro," disse Maya pensativamente, "mas você não tem amigos?"

"Não, querida criança. Eu ganho meu pão e duvido".

"Oh! Do que você duvida?"

"Eu nasci duvidando. Eu tenho que duvidar."

Maya olhou para ele com espanto. O que ele quis dizer com essa dúvida? Ela queria saber, mas não queria fazer perguntas indelicadas.

"Primeiramente, duvido que você tenha escolhido o lugar certo para descansar. Você não sabe o que tem naquele grande salgueiro ali?" disse Thomas.

"Não."



"Veja, eu duvidava que você soubesse. A fortaleza de vespas está lá."

Maya ficou um pouco pálida e quase caiu do galho de susto. Ela perguntou onde ficava

exatamente a fortaleza das vespas.

“Você vê aquele velho ninho de estorninhos, na base do salgueiro? A porta daquela casa de pássaros não está voltada para o nascer do sol, então nenhum pássaro vem. Então as vespas se mudaram para lá. As vespas são verdadeiros vilões que estão de olho nas abelhas. Eu vi tudo.”

Maya parecia com um pouco de medo da fortaleza de vespas. “É melhor se eu for embora”, disse ela. Mas era tarde demais. Ela ouviu uma risada perversa atrás dela e sentiu que estava sendo agarrada pelo pescoço.



Thomas soltou todas as pernas de uma vez e caiu de cabeça para baixo, por entre os galhos, no barril de chuva. “Eu duvido que você vá escapar,” ele gritou. Mas a pobre Maya não o ouvia mais.

A princípio, Maya não conseguiu ver seu atacante, mas de repente ela viu uma grande cabeça com longas pinças acima dela. A princípio, ela pensou que era um marimbondo enorme, mas depois lembrou que era uma vespa. A vespa era lindamente listrada de preto e amarelo e era pelo menos quatro vezes maior do que ela. Maya, que estava muito assustada, pediu ajuda baixinho. “Peça ajuda, garotinha,” disse a vespa em um

tom doce como mel. "Mas não tenho ideia se alguém virá", disse ela, enquanto sorria ameaçadoramente.

"Deixe-me ir", gritou Maya. "Deixe-me ir ou eu vou picar você no coração."

"Direto no meu coração? Muito valente. Mas haverá tempo para isso mais tarde."

Então Maya ficou com raiva. Ela reuniu todas as suas forças e, enquanto soltava um alto grito de guerra, apontou o ferrão para o meio do peito da vespa. Mas, para sua surpresa, o ferrão dobrou e não atravessou o peito da vespa. Sua armadura era muito dura para o ferrão dela. Agora a vespa também parecia zangada.

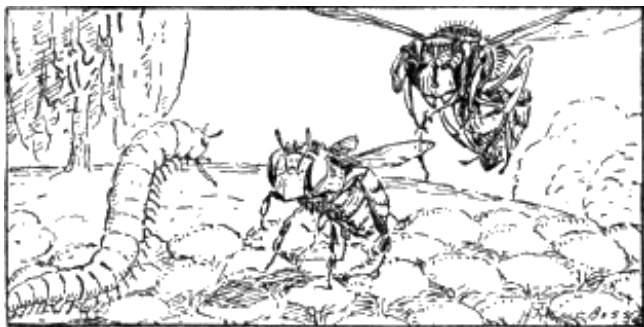
"Eu poderia puni-la e morder sua cabeça, mas prefiro levá-la para nossa rainha."

Então a vespa voou com Maya no ar e foi direto para a fortaleza das vespas. Maya achou tão assustador que desmaiou no caminho. Quando voltou a si, estava na meia-escuridão em um lugar que cheirava mal. Ela estava na prisão das vespas. Ela queria chorar, mas as lágrimas não vinham.

"Felizmente ainda não fui comida, mas isso pode acontecer", pensou ela, trêmula.

Do lado de fora, ela ouviu vozes e uma pequena luz brilhou por uma fenda estreita. As vespas não fazem suas paredes de cera, como fazem as abelhas, mas de uma massa seca que parece uma espécie de papel. Ela estava muito preocupada com o que iria acontecer com ela e começou a choramingar baixinho. Novamente ela ouviu vozes do outro lado da parede. Ela espiou pela fenda. Ela viu um enorme salão, cheio de vespas, brilhantemente iluminado por vários vaga-lumes

capturados. No meio estava a rainha vespa em um trono. Uma reunião importante estava sendo realizada. Se ela não tivesse tanto medo das vespas, seu poder e grandeza certamente a teriam impressionado. Era a



primeira vez que ela via esse tipo de inseto.

Um sargento vespão deu a volta e ordenou que os vaga-lumes dessem o máximo de luz possível.

Então Maya ouviu a rainha dizer: “Bom, vamos cumprir

os acordos que fizemos. Amanhã nossos guerreiros marcharão para um ataque à cidade das abelhas no parque do castelo. A colméia deve ser saqueada e as abelhas devem ser capturadas. Quem capturar a rainha Helena VII viva e trazê-la para mim será nomeado cavaleiro. Seja corajoso e traga-me o rico butim. A reunião está encerrada.”

A rainha vespa se levantou de seu trono e saiu da sala acompanhada de seus guarda-costas.

“Minha terra”, soluçou Maya, “e todas as minhas queridas abelhas.” Ela estava desesperada e queria gritar. “Ninguém pode avisar meu povo. Eles serão atacados enquanto dormem. Espero que um milagre aconteça.”

No corredor, as luzes dos vaga-lumes agora se apagaram e, gradualmente, tudo ficou quieto na fortaleza.

Ninguém parecia estar mais pensando em Maya. Lá fora, ela pensou ter ouvido o canto noturno dos grilos, mas estava trancada no escuro, na prisão das vespas.